



TÁTA NGANGA KIMBANDA KAMUXINZELA
FEITIÇARIA TRADICIONAL BRASILEIRA

GEOMETRIA DO DIABO:
FUNDAMENTOS, PONTOS E ARQUITETURA
MÁGICA DA QUIMBANDA
REVISTA NGANGA NO. 13

INTRODUÇÃO

O presente ensaio constitui a versão editada e sistematizada de dois capítulos inéditos originalmente elaborados para compor a edição crítica de *O LIVRO DE SÃO CIPRIANO*, a ser publicada pela família tradicional de Quimbanda, a *Cova de Cipriano Feiticeiro*. A obra, concebida como um grimório doutrinário da *Quimbanda Nàgô*, visa consolidar o arcabouço técnico e filosófico de nossa tradição, oferecendo aos iniciados um corpo de instruções relativas à fundamentação mágica, topografia simbólica e arquitetura sacrificial do culto. O texto ora apresentado busca delinear, com rigor teúrgico e fidelidade ao saber crioulo, as bases geomânticas e ontológicas que sustentam os fundamentos da Quimbanda, revelando as formas e forças que organizam seus pontos de poder, seus tronos e suas estruturas operativas no espaço sagrado. O ensaio irá tratar de:

Zimba: Os pontos riscados da Quimbanda, conhecidos também como *zimbas*, têm sua origem na cultura mágica banto, particularmente no universo congo-angolano. A palavra *zimba* designa a abertura de um espaço sagrado mediante demarcações simbólicas que atuam como portais espirituais. Diferente das assinaturas dos espíritos em grimórios europeus, as *zimbas* da Quimbanda são selos de comunicação com entidades *praeter-humanas*: Exus, Pombagiras, encantados, mortos e deuses telúricos ctonianos. Herdeiros de um saber ancestral, esses riscos são instrumentos operativos que abrem e fecham passagens entre os mundos, constituindo o verdadeiro alfabeto do Diabo traçado sobre a terra.

Mpemba: A *mpemba* é um conceito-chave na cosmologia congo-angolana, representando tanto a terra dos mortos quanto a substância branca que permite a comunicação com o além. Quando preparada e consagrada como *pemba*, torna-se um instrumento ritual de ativação telêmica: serve para abrir portais, selar pactos, consagrar fetiches e purificar o corpo do *kimbanda*. Riscada no chão, a *pemba* manifesta a força de *mpemba kalunga*, conectando o plano da geração à morada dos mortos. Por meio dela, o *kimbanda* manipula diretamente a força ancestral que se oculta no ritual.

Dikenga – a *Cruz do Mundo e o Corpo de Baphomet*: A *dikenga* é um cosmograma circular da cultura banto, dividido em quatro quadrantes, representando os ciclos da vida, a dualidade entre mundos e a transição entre morte e renascimento. Essa cruz circular, presente na geometria sagrada da Quimbanda, estrutura simbolicamente os pontos riscados. Cada ponto, cada traçado, alude à *dikenga* e à sua lei mágica fundamental: nascer, morrer, renascer. Nela reside o mesmo princípio da inscrição *Solve et Coagula* no corpo de Baphomet. O *kimbanda* que conhece a *dikenga* compreende os ritmos do Diabo na terra.

Ponto Riscado – um Portal no Reino Sub-Lunar: Muito mais que um desenho, o ponto riscado é uma operação mágica. Ele é símbolo, portal e comando. Riscado com *pemba*, ele abre canais entre mundos, manipula fluxos de força ódica, protege o corpo ou destrava caminhos. Carrega influências das *zimbas* banto, dos *vevês* do Vodú, das firmas do Palo e, em parte, dos selos dos grimórios europeus. No entanto, sua natureza é congo-angolana. Cada ponto riscado é uma chave que atua na luz astral, ligando o operador ao seu Exu, ao seu Ganga, ao seu Diabo pessoal.

A Tronqueira – a Primeira Lâmina do Culto: A tronqueira é o fundamento mágico de contenção, proteção e aniquilação. Enterrada na terra, firmada com elementos ritualísticos, ela é a primeira lâmina da casa. Sua função tripla é impedir, cortar e afundar: nenhum feitiço atravessa seu campo, nenhuma obsessão sobrevive ao seu ferro, nenhuma entidade adversa passa sem ser triturada. Seu fundamento é o Mistério do Chão, a raiz onde o Diabo finca sua potência. A tronqueira não protege por compaixão, mas por guerra.

A Cafúia – Coração Infernal e Comando da Banda: A Cafúia é o coração vivo do terreiro. Espaço vedado, oculto e fechado ao público, ela abriga os Exus-Chefes, as Pombagiras de governo, os fetiches mais sagrados e os pactos mais antigos. Nela se concentram os mistérios, a autoridade e o comando espiritual. Ao contrário do altar, que irradia e simboliza, a Cafúia concentra e governa. É a sede do Inferno dentro do templo. É na Cafúia que a Banda é alinhada e onde o Diabo fala ao ouvido do iniciado.

O Cruzeiro das Almas – Antena Vibratória e Psiquismo Mágico: O Cruzeiro é o ponto de afinação espiritual. Ele organiza os três éteres que compõem o reino do Diabo: o luminoso, o intermediário e o obscuro. É nele que se alojam os Gangas que atuam sobre o psiquismo do *kimbanda*, ajustando sua percepção espiritual, suas visões, suas audições. Mais que um altar para almas sofredoras, o Cruzeiro é o sistema nervoso do terreiro. Sem ele, o campo vibratório se desequilibra e a magia se desorganiza.

A Tríade Infernal – Tronqueira, Cafúia e Cruzeiro: Esses três pontos são os pilares da arquitetura mágica da Quimbanda. A Tronqueira impede, a Cafúia comanda, o Cruzeiro regula. Juntos, formam um triângulo infernal de força, onde a magia não é teoria, mas operação. Não é fé, mas pacto. Não é reza, mas execução. Essa tríade é a expressão plena da engenhosidade mágica da Quimbanda: uma geometria ritual, viva, onde o Diabo finca seu trono e governa suas legiões.

PONTOS RISCADOS

Os *pontos riscados* ou *zimbas* que utilizamos na Quimbanda têm origem na cultura banto, diferente do que propõem alguns autores que supõem que sua origem está conectada as assinaturas dos espíritos dos grimórios europeus, chamadas de *cabalá* na cultura da macumba. A palavra *zimba* é um termo congo-angolano que denota a abertura de um espaço ritual por meio de demarcações e consagrações mágicas. Costuma-se entender as *zimbas* como signos ou sigilos na forma tridentes, cruces, espirais, flexas, linhas retas, círculos, ondas, estrelas e todo tipo de símbolos astrais, labaredas, setas etc. utilizados para convocação de entidades *praeter-humanas* na forma de espíritos ancestrais, divindades e encantados de todo tipo. Neste sentido, são marcações simbólicas que abrem portais de ingresso e egressos dessas entidades, permitindo sua manifestação no plano material ou reino da geração. Essa técnica mágica da cultura banto utilizada pelos *ngangas* (sacerdotes, curandeiros

e feiticeiros) congo-angolanos, foi preservada pela cultura da macumba e todos os cultos e sub-cultos que dela derivam, como a Umbanda e a Quimbanda modernas. Inúmeros cultos afro-diaspóricos nas Américas herdaram essa tecnologia mágica da cultura banto, como as *firmas* (assinaturas) no Palo Santo cubano, ou os *vevés* do Vodú haitiano para acesso aos *voduns* etc.

É somente nos *pontos riscados* associados a Quimbanda que é possível ver uma influência das assinaturas dos espíritos *demoníacos* dos grimórios, em especial o GRIMORIUM VERUM. Na verdade, hoje é possível dizer que a Quimbanda aperfeiçoou a corrente fáustico-cipriânica mágico-noturna do GRIMORIUM VERUM, sendo a primeira tradição mágica associada ao que chamamos de a *nova síntese da magia*, como demonstrei no DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA (Clube de Autores, 2024). Isso ocorre porque foi a Quimbanda a tradição de feitiçaria brasileira que mais se associou ao *Ocultismo* europeu, em um primeiro momento, e americano em um período mais recentemente do desenvolvimento das vertentes. Portanto, é possível ver signos astrológicos, herméticos, alquímicos e letras hebraicas ao estilo dos pantáculos de A CHAVE MAIOR DE SALOMÃO nos *pontos riscados* dos Gangas da Quimbanda – como o Brasão Imperial do Chefe Império Maioral –, muitas vezes associados diretamente a selos de demônios do GRIMORIUM VERUM e da GOÉCIA DE SALOMÃO.

Nos meus dois primeiros livros sobre Quimbanda, o DAEMONIUM e o GANGA, ambos com o subtítulo *a QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA*,¹ demonstro a profunda conexão ancestral que existe entre a Quimbanda e a magia e demonologia dos europeus. A intensão destes dois livros é demonstrar como a Quimbanda pode revitalizar a prática da magia cerimonial dentro de um movimento que ficou conhecido como *grimoire revival*, que traduzo livremente como *o renascer da magia dos grimórios*, cujo objetivo é revitalizar a prática da magia dos grimórios com tecnologias mágicas de culturas afro-diaspóricas nas Américas, mas também de culturas xamânicas como técnicas de êxtase através de plantas de poder. Desse movimento nasce a *nova síntese da magia*, que trato no terceiro volume do DAEMONIUM.

Na cultura mágica da macumba, as *zimbas* compreendidas como símbolos mágicos, constituem um dos aspectos essenciais do trabalho magístico, o *fazer macumba*, propriamente dito. Então as *zimbas* podem ser i. marcas rituais riscadas no chão, em algum tronco, no piso de um templo; ii. símbolos sagrados de conexão com espíritos ancestrais, deuses ou encantados que servem como portais de ingresso e egresso; iii. signos para manipulação e projeção de força mágica; iv. signos para proteção e fechamento do corpo ou; v. signos para selar pactos com espíritos, abrir e fechar caminhos, unir ou separar casais etc. A *zimbas* são agregados outros elementos, condensadores fluídicos ou *agentes mágicos* como oferendas, sangue e partes de animais sacrificados, bebidas destiladas, feitiços etc. Na metalinguagem da Quimbanda, as *zimbas* como *pontos riscados* são, portanto, *chaves de ativação mágica* ou *chaves de acesso mágico*.

Dessa forma, não são as assinaturas dos espíritos dos grimórios os ancestrais diretos dos *pontos riscados* da Quimbanda. Existe a influência destes nos *pontos riscados*, mas não constituem sua origem. Esta, por outro lado, vem das *zimbas* da cultura religiosa congo-angolana, que funcionam como um *sistema de comunicação espiritual*, convocação e controle de entidades *praeter-humanas*. Essa influência da

¹ Referência ao *grimoire revival*, i.e. o resgate moderno da prática mágica dos grimórios.

cultura banto continua viva nos terreiros e templos de Quimbanda, demonstrando, como sempre coloco ênfase, que se trata da cultura pano-de-fundo da Quimbanda.

No entanto, um dos aspectos mais importantes das *zimbas* dos *ngangas* congo-angolanos que herdamos na Quimbanda passa muitas vezes por despercebido. Comumente encontramos na literatura popular de Quimbanda as *zimbas* como sinônimo de *pontos riscados*. Embora essa compreensão esteja correta, devidas as proporções de aculturação e miscigenação cultural, ela está incompleta, porque *zimba* vai muito além da estrutura do *ponto riscado*, e envolve uma complexa ação magística até o traçado dele com a *pemba*, o giz encantado com o qual riscamos os *pontos cantados* no chão. Para explicar isso, eu escolho um dos muitos temas associados a esta matéria, que é a *mpemba*, termo congo-angolano que origem a palavra *pemba*.

Na cultura religiosa congo-angolana, *mpemba* pode ser: i. a cor branca, que representa pureza e ancestralidade, indicando, portanto, o mundo espiritual e a própria manifestação da ancestralidade; ii. o pó branco utilizado para convocações de entidades ancestrais *praeter-humanas* e consagrações de fetiches; iii. na *dikenga*, representa a terra dos mortos ou o mundo dos ancestrais, logo abaixo de *kalunga*, o limiar que separa a legião dos vivos (*nza yayi*) da legião dos mortos (*mpemba kalunga*); iv. a força de conexão entre os vivos e os mortos, mas também o próprio equilíbrio que se estabelece entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos.

Na *dikenga*, o limiar que representa a separação entre o mundo dos vivos e dos mortos é, também, a entrada para o Submundo da legião dos mortos (*npemba kalunga*). Essa divisão é na forma de uma linha d'água, porque a água representa um *meio de comunicação* entre esses dois mundos. Essa é uma compreensão universal da feitiçaria, de que a água pode servir como *portal de acesso ao* mundo dos mortos. Neste contexto, a *kalunga* é o grande oceano invisível que separa a existência física da espiritual. Na Quimbanda, também neste sentido técnico do culto, a *kalunga* representa o limiar e o meio de comunicação com os Gangas, moradores da *mpemba kalunga*, que aqui mapeamos e estruturamos como os Reinos do Chefe Império Maioral. No que tange a prática da *zimba* associada a essa ideia teológica e metafísica, fabricar e consagrar o pó da *pemba*, manipulá-lo no contexto ritual, é ter o poder de abrir um *portal de acesso* para o mundo espiritual, o mundo dos ancestrais.

Então entenda que *zimba* é muito mais que um *ponto riscado*, mas um fundamento que capacita o *kimbanda* a manipular um poder de conexão entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Uma das maneiras pelos quais ele o faz é através do uso magístico da *pemba*, que pode ser: i. criar um portal de acesso através do risco do *ponto riscado*; ii. no processo iniciático, vincular o Exu no seu assentamento, mas também vincular a força mágica da Quimbanda na alma do *kimbanda*, assim como vincular a força mágica dos Gangas em seus fetiches de culto diversos; iii. purificação do corpo físico e psíquico para fins de cura, consagrações mágicas diversas, fortalecimento da conexão com os ancestrais, proteção, apaziguamento, afundamento ou afastamento de Exus *negativados*, *égún* obsessores (mortos sem descanso) e *kiumbas*. Assim, a *zimba* constitui o conhecimento e a aplicação fundamentada disso tudo.

A *mpemba*, dessa forma, é um poder mágico manipulado pelo *kimbanda* através da *pemba* para *conectar, ligar e ativar* as forças ancestrais da Quimbanda. A *pemba*, portanto, não é só um giz. Quando corretamente preparada, ela torna-se um instrumento mágico de poder, proteção e conexão com os espíritos. Dessa forma,

associando os *pontos riscados* a ideia banto de *zimba*, toda uma estrutura magística envolve o tema, para muito além do ponto em si. Assim é correto dizer que, na Quimbanda – assim como ocorre com os padês – a *zimba* é um sistema de magia e comunicação com os espíritos.

As *zimbas* da cultura religiosa congo-angolana, constituindo i. um tipo de geometria sagrada; ii. A marcação de espaços rituais limiaries entre os vivos e os mortos; iii. a ativação mágica de fetiches diversos como amuletos, anéis, patuás, firmezas e assentamentos; iv. proteção dos espaços rituais e fechamento do corpo, são a fonte por trás dos *pontos riscados* na Quimbanda, e elas dependem – assim como a própria Quimbanda – da *dikenga* como pano de fundo cosmológico.

A *dikenga* é um cosmograma da cultura banto, fundamentalmente do povo bakongo, e representa o pano de fundo cosmológico de quase todas as culturas religiosas afro-diaspóricas nas Américas. Trata-se de um símbolo circular que representa i. os ciclos da vida; ii. a dualidade do mundo dos espíritos vs mundo material e a conexão entre eles. No contexto de nossa discussão, este cosmograma dos bantos representa a estrutura da geometria sagrada que dá sentido aos *pontos riscados* da Quimbanda. É por meio da compreensão dessa estrutura que o *kimbanda* manipula os fluxos de força ódica dentro dos *pontos riscados*, imprimindo-os na *luz astral*, o corpo de Maioral.

Como um cosmograma, a *dikenga* é apresentada na forma de um círculo dividido por uma cruz, formando quatro quadrantes que representam os estágios do ciclo da existência material: i. leste (*musoni*), o nascimento e a aurora da vida; ii. norte (*kala*), a juventude e a força vital; oeste (*luvemba*), a morte e a transição para o mundo espiritual; sul (*tukula*), o renascimento como uma alma deificada no Submundo ou o retorno ao mundo dos vivos. O centro da cruz simboliza o ponto de equilíbrio, a comunicação ou encruzilhada entre os mundos. Essa cosmologia está enraizada nos conceitos da ancestralidade, reencarnação, deificação, manipulação de forças mágicas e a presença dos espíritos entre os vivos. Na Quimbanda, todo este simbolismo encerrado pela *dikenga* está representado na frase *Solve et Coagula* nos braços de Baphomet, porque absolutamente tudo no reino sub-lunar é regido por essa fórmula mágica cosmológica: tudo nasce, morre e renasce.

O traçar dos *pontos riscados* na Quimbanda traz toda essa herança cultural e hierática. Riscados com *pembas*, eles: i. abrem portais entre mundos, permitindo o ingresso e egresso de entidades *praeter-humanas*; ii. quando alocados em determinados locais no templo ou nos pontos de força, organizam magicamente o espaço ritual, irradiando uma geometria sagrada adequada ao trabalho mágico e linha do Ganga; iii. representam ciclos existenciais e a conexão que se estabelece com os ancestrais por meio de entrecruzamentos mágicos; iv. a conexão com as forças da natureza e poderes do Cosmos. A própria ideia de *encruzilhada*, central na metafísica cosmológica banto por meio da *dikenga*, se reflete no traçar do *ponto riscado* na Quimbanda, e no fenômeno sobrenatural da possessão divina, onde o *muntu* (ideia de homem nesta cosmovisão congo-angolana) é a própria encruzilhada por onde a entidade *praeter-humana* se manifesta.

TRÊS COLUNAS DO INFERNO: ARQUITETURA MÁGICA DA QUIMBANDA

Não há proteção fora do fundamento. A força do Diabo não desce onde não há terra para plantá-la. – *Exu Pantera Negra.*

Poucas estruturas dentro da Quimbanda autêntica foram tão mal compreendidas quanto a tronqueira. Seu nome é conhecido, sua imagem é vulgarizada, mas sua natureza raramente é compreendida fora dos círculos iniciáticos. Não há elemento mais citado e, paradoxalmente, mais deturpado do que esse fundamento essencial. Popularmente, a tronqueira é descrita como o *local onde mora um espírito protetor*, uma espécie de sentinela espiritual que vigia a entrada do templo. Essa descrição, oriunda sobretudo de vertentes da Umbanda e de formas sincréticas que pretendem adaptar a Quimbanda às exigências morais da religiosidade cristã, constitui um erro doutrinário de proporções graves. Não existe, na Quimbanda, a figura do *espírito de esquerda* que complementaria um suposto *espírito de direita*. Tal dualismo é exógeno ao corpo teológico do culto. Como afirmam os mais velhos: *por acaso Exu é aleijado? Exu é Saci Pererê?* Não. Exu é inteiro. Pombagira é inteira. Não existem metades espirituais ou manifestações *negativas* da positividade. A Quimbanda reconhece apenas espíritos completos, atuantes, e hierarquicamente definidos conforme suas funções e atributos — e não segundo categorias morais herdadas da escolástica.

Compreender a tronqueira exige descer à raiz da prática. Ela não é um símbolo, nem um ponto energético metafórico. A tronqueira é uma tecnologia mágica encarnada no chão do terreiro. Seu primeiro aspecto é invisível: trata-se de um fundamento enterrado na terra, construído com elementos rituais específicos que sustentam sua função como barreira e filtro mágico. Esse fundamento não é opcional. Ele é, na verdade, o coração defensivo de toda casa de Quimbanda. Sem ele, nenhuma força de Exu permanece ancorada, nenhuma firmeza é mantida, nenhum portal se mantém fechado aos invasores. A partir desse fundamento enterrado, edifica-se então a estrutura visível, que pode ou não conter os símbolos, imagens ou objetos de ligação com os Gangas ali alocados. Mas não se deve confundir a estrutura com sua essência: a verdadeira tronqueira é seu núcleo mágico soterrado, não sua aparência exterior.

Este fundamento enterrado possui uma função tripla. Primeiro, ele impede: toda força antagônica à natureza ou propósito do culto é automaticamente barrada ao tentar atravessar seu campo de contenção. Em seguida, ele corta: através dos elementos rituais empregados — ferro, fogo, pólvora, sangue e outros materiais consagrados — a tronqueira atua como lâmina invisível, rompendo laços, magias, obsessões, formas-pensamento e tentativas de ataque espiritual. Por fim, a tronqueira aterra: aquilo que tenta forçar sua passagem é puxado para o chão, drenado, dissolvido, triturado no campo vibratório onde repousa o assentamento. Essas três operações — impedir, cortar, afundar — compõem o eixo funcional da tronqueira tradicional.

Nas antigas casas da *Quimbanda Nãgô*, particularmente naquelas que preservaram a doutrina do Exu Omolu, a estrutura da tronqueira era cuidadosamente elaborada para servir de sustentação bélica à casa. Ao centro do fundamento, firmava-se o Exu Omolu, senhor da decomposição, da doença e da morte, cujas irradiações atuam diretamente sobre os corpos e as formas energéticas.

À esquerda, era assentado Exu Cipriano, o patrono da feitiçaria de ataque, responsável por lançar de volta — e com violência ampliada — qualquer carga enviada contra o templo. À direita, firmava-se São Miguel Arcanjo, figura posteriormente absorvida no arquétipo do Chefe Império Maioral, tal como tratado no DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA (Clube de Autores, 2024), responsável pela contenção de forças adversas, incluindo Exus em revolta, *kiumbas* em desvario ou entidades errantes invocadas fora de controle. Acima desses fundamentos centrais, alocavam-se os Exus e Pombagiras tutelares da casa, aqueles que regem o culto no plano da individualidade e da transmissão.

Essa estrutura, contudo, não se encerrava nos nomes consagrados. Em muitas casas, especialmente nas que trabalham com operações rituais de purificação, cruzamento ou defesa pesada, a tronqueira incorpora ainda Gangas auxiliares. Exu dos Rios é convocado para o trato com os *kiumbas*, controlando o fluxo das cargas obsessivas e das correntes mentais dissolventes. Exu do Cheiro é fixado para reger as operações de defumação, limpeza vibratória e expulsão de miasmas astrais. Exus ligados a Ògún são firmados para abertura de caminhos e destruição de inimigos, assumindo a linha de combate mágico direto. A tronqueira, nesse sentido, não é um ponto: é um sistema. Sua lógica é a de um empilhamento de camadas de força, uma superposição de vetores mágicos, que trabalham de forma coordenada para proteger o culto, sustentar a casa e manter o campo ritual em tensão permanente.

Toda essa estrutura opera a partir de uma inteligência mágica que se impõe sobre o espaço: não se trata apenas de deter o inimigo, mas de destruí-lo. O fundamento da tronqueira filtra e afunda; o fundamento de Cipriano identifica e ataca; o fundamento de São Miguel sela, aniquila ou converte. Há aqui uma sofisticação estratégica que não pode ser improvisada. Como escrevi no GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA (Clube de Autores, 2023), a arte de firmar uma tronqueira é semelhante à arte da guerra: cada espírito tem uma posição, uma função e uma zona de ação. Sua conjunção não pode ser decidida por sincretismo ou intuição superficial — ela exige conhecimento de hierarquias, de fundamentos de solo, de pontos de carga e de mecanismos de ativação. Cada assentamento precisa estar ritualmente pronto para operar na tensão exigida pelo culto.

Para os antigos, essa inteligência de campo tem um nome mais profundo na tradição: *Mistério do Chão*. Eles nos ensinaram que a terra, na Quimbanda, não é apenas um dos quatro elementos — ela é a plataforma de todos os pactos, o receptáculo de todos os assentamentos, a matriz onde o Diabo finca suas raízes. Nas antigas casas *nàgô*, firmar uma tronqueira era fixar um pedaço do Inferno na superfície do mundo. Era abrir uma brecha por onde as forças que não pertencem a esse plano possam operar com legalidade, sustentação e proteção. Para os antigos, em um terreiro constituído, nenhum ponto de força, nenhum trabalho de evocação, nenhuma entrega aos mortos tem validade mágica sem que a tronqueira esteja ativa. Toda casa que se pretendia templo deveria, antes, ser fortaleza. Sem trincheira, não há trono.

A Quimbanda não fala em *espíritos protetores* porque não opera com infantilizações espirituais. Na Quimbanda, os Gangas firmados em uma tronqueira não estão ali para consolar ou orientar: estão para impedir, destruir, consumir. Proteção, neste culto, é guerra. Protege-se vencendo. Protege-se aterrando. Protege-se fazendo sangrar o inimigo. A espiritualidade aqui não é flor, é lâmina. A tronqueira é seu corte inaugural.

Mas Quimbanda moderna, na medida em que se consolida como culto autônomo e soberano, vem gradualmente cristalizando um corpo teológico próprio, coeso e funcional. Esse processo de sistematização não se dá por meio de sínodos, dogmas ou reformas eclesiais — ele ocorre na prática ritual, na sedimentação dos fundamentos, e sobretudo na depuração do saber transmitido oralmente entre os iniciados mais antigos e aqueles que hoje sustentam o peso das casas. A prática constante e o diálogo entre tradições firmadas produzem, com o tempo, uma arquitetura doutrinária. É nesse espírito que se compreende a transição entre a estrutura tradicional das casas *nàngô* e o arranjo mais comum encontrado hoje nos terreiros que praticam a Quimbanda em sua forma pura, desvinculada de sincretismos, de ranços umbandistas e de pretensões ecumênicas.

Hoje, nos terreiros de Quimbanda plenamente constituídos, o ponto central do culto não é mais, estruturalmente, a tronqueira — mas sim a *Cafúa*. Este espaço sagrado, oculto e vedado ao público, constitui a verdadeira morada dos Exus-chefes da casa e de todos os demais espíritos da Banda firmados para operações específicas. A *Cafúa* é o coração mágico do templo: é ali que reside a potência viva dos pactos, é ali que repousam os mistérios mais profundos do culto, é ali que se concentra a densidade vibratória das entidades que regem a casa. Diferentemente do altar, que é local de irradiação simbólica e de ligação entre o visível e o invisível, a *Cafúa* é território de condensação. Costuma-se alocar ali todos os Gangas que compõem a Banda da casa: Exus e Pombagiras de cruzeiro, de caminho, de destruição, de cura, de demanda, de ataque, de feitiço, de paixão, de libertação. Cada um com seu assentamento, sua firmeza, seu lugar e sua chave. Cada um com sua função dentro da engrenagem espiritual que move a casa.

A tronqueira, por sua vez, continua a ocupar seu lugar sagrado no portão do terreiro. Seu fundamento de chão permanece intacto: não se altera o que foi firmado pela tradição e validado pelas guerras espirituais travadas ao longo de décadas. Mas sua função atual se concentra em um campo mais específico de contenção e vigilância externa. Nela, costumam ser firmados hoje três ou quatro pilares fundamentais: o Exu-Ògún da casa, espírito belicoso e vigilante que atua como guardião e executor; o Exu Cipriano, cuja função permanece de ataque mágico e reversão de trabalhos; o Ganga regente da tronqueira, muitas vezes escolhido entre os espíritos que possuem afinidade com o portão, com o trânsito de forças e com a vigilância de fronteira espiritual; e, a depender da chefia e da tradição da casa, o fundamento de Exu Santo Antônio, cujo papel é de atrair, seduzir, reverter e prender entidades que se aproximam com intenções ocultas ou disfarçadas.

Importante sublinhar que a antiga associação entre São Miguel Arcanjo e a função defensiva na Quimbanda, muito comum entre as décadas de 1950 e 1970, foi progressivamente sendo absorvida por um arquétipo mais específico e funcional ao corpo doutrinário do culto: o do Chefe Império Maioral. Como demonstrei detidamente no *DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA*, a figura de São Miguel — arquetípica, militar, celestial e hierárquica — serviu como molde simbólico inicial para a compreensão popular da função de contenção, julgamento e combate às forças antagônicas. No entanto, à medida que a Quimbanda se afirmou como sistema independente, essa representação cristã foi dissolvida na imagem muito mais adequada e iniciática do Chefe Império Maioral, que cumpre o mesmo papel com maior fidelidade à cosmologia infernal do culto. Por esse motivo, não se costuma mais firmar o fundamento de São Miguel na tronqueira moderna, salvo em casos de herança ritual específica ou fidelidade a formas mais arcaicas da prática.

A substituição de São Miguel pelo Chefe Império Maioral não é um simples deslocamento iconográfico. Ela representa a maturidade teológica da Quimbanda, que reconhece seus próprios fundamentos infernais e os nomeia segundo suas chaves legítimas. Enquanto São Miguel era o espelho celeste da ordem, o Chefe Maioral é sua contraparte infernal, não em oposição, mas em completude. A estrutura moderna da tronqueira, portanto, é o reflexo de um culto que, tendo vencido sua infância sincrética, se reconhece agora como senhor de sua própria linguagem, de sua própria força e de sua própria lei.

Outro ponto importante sobre São Miguel Arcanjo, seu propósito mágico de patrono da contenção espiritual, da justiça bélica e da guarda celeste, foi absorvido, ressignificado e redistribuído em outro arquétipo que emergiu com nitidez no corpo teológico do culto: o Exu-Ògún, que recebeu as atribuições do guerreiro executor, do espírito armado, do mensageiro armado da lei do Diabo, que atua com ferro, com fogo e com mandinga. Exu-Ògún, em muitas casas de Quimbanda, cumpre hoje com precisão funcional o mesmo papel que, em décadas passadas, era atribuído a São Miguel: o de defensor armado da casa, destruidor de *kiumbas*, exterminador de espíritos obsessivos e estraçalhador de demandas astrais.

Mas ao contrário do anjo hebraico-cristão, que representa uma ordem transcendente imposta de fora sobre o caos, o Exu-Ògún emerge de dentro da terra, da fornalha, da bigorna, da guerra e da rua. Sua justiça é imanente, não transcendente; sua força é encarnada, não celestial. Ele não expulsa com luz, mas com lâmina. Sua espada é feita de ferro encantado, não de fogo simbólico. E sua atuação se dá em comunhão direta com os demais Gangas do culto, sem o distanciamento hierárquico da milícia angelical, quer dizer, neste caso, demoníaca. Assim, a substituição de São Miguel por Exu-Ògún não é apenas iconográfica, mas ontológica: representa a passagem de uma lógica celeste para uma lógica infernal, de uma teologia baseada em abstrações teocêntricas para uma magia baseada na experiência encarnada dos corpos, da terra e da força. É a Quimbanda superando seus resíduos coloniais e assumindo a força de seus próprios deuses.

Outra tecnologia mágica herdada das casas antigas de *nàngô*, e que hoje se apresenta de forma cada vez mais nítida nos terreiros que avançaram em sofisticação teológica, é o Cruzeiro das Almas. Se a tronqueira representa o limiar defensivo, o ponto de resistência e de contenção das forças antagônicas ao culto, o Cruzeiro é, por excelência, o ponto de integração espiritual, o lugar onde se regula o psiquismo do adepto e se estabelece o trânsito lícito com as potências do mundo invisível. A Quimbanda, como demonstrei no GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA, e desenvolvi extensivamente no DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA, não é um culto da possessão desordenada, nem somente da catarse emocional. É um sistema de ciência mágica infernal, e como tal exige regulação energética. O Cruzeiro cumpre essa função com precisão simbólica e vibratória.

O Cruzeiro das Almas é o lugar de acesso ritual aos três éteres, ou seja, às três regiões vibratórias que se distribuem entre o plano sublunar e o limiar das esferas planetárias. Esse é o Reino do Chefe Império Maioral, o Diabo. Nessa cosmologia infernal, noturna e lunar, as forças espirituais não se distribuem verticalmente como em um sistema hierárquico celeste, mas se espriam horizontalmente, conforme suas densidades, suas funções e seus pactos. No Cruzeiro, alocam-se os Gangas dos três éteres: aqueles que atuam no plano dos mortos conscientes e organizados; aqueles que habitam o campo dos obsessores e deformados astrais; e aqueles que cruzam os umbrais entre o visível e o invisível, ora atuando como diabos, ora como

agentes da decomposição psíquica ou da libertação da alma. É no Cruzeiro que se encontra a interface entre os três reinos: Céu, Terra e Inferno. E é também no Cruzeiro que o adepto da Quimbanda pode organizar o seu campo psíquico, fortalecer sua couraça espiritual e regular sua percepção das presenças e sinais do culto. Por isso, enquanto a tronqueira cumpre o papel de filtro e triturador das forças invasoras, o Cruzeiro é o ponto de afinação vibratória, de equilíbrio, de reintegração com o mundo oculto.

Ao contrário do que se repete em círculos exteriores, o Cruzeiro das Almas não é apenas um *ponto de cruzamento espiritual* nem um altar votivo às almas sofredoras. Isso pertence à linguagem da Umbanda, e não encontra respaldo na Quimbanda. O Cruzeiro é uma antena, um portal mágico de ativação, uma arquitetura etérica plantada no chão do templo, cuja função é atrair, organizar e redistribuir as forças sublunares que atravessam o campo espiritual da casa. Em WANGA: O SEGREDO DO DIABO, delineei com precisão o papel das forças etéricas na manipulação do psiquismo e do magnetismo pessoal: os três éteres (luminoso, intermediário e obscuro) correspondem às três grandes densidades com as quais se trabalha na Quimbanda, e cada uma delas possui seus espíritos, seus diabos, seus Exus e suas Pombagiras. O Cruzeiro, neste contexto, é a plataforma de acesso e gestão dessas forças. Ele não é um *lugar das almas* no sentido popular — ele é o órgão mágico da casa para lidar com as forças do Submundo.

A Quimbanda é um culto ctônico.

Toda casa que se pretende templo — e não apenas lugar de passagem de entidades — precisa de seu Cruzeiro. E não se trata de uma cruz de madeira erguida com velas e flores, mas de um fundamento específico, ativado, consagrado e equilibrado segundo as necessidades do culto. Sua ativação não se dá por prece ou por canto, mas por pactuação com as forças etéricas, por alocação dos Gangas apropriados, e por abrimento ritual com instrumentos, pontos e sangrias específicas. O Cruzeiro é o sistema nervoso da casa, por onde circulam as mensagens espirituais, as sensações sutis, os comandos silenciosos. Sem ele, o terreiro perde sua inteligência vibratória, e o adepto perde sua centralidade psíquica. A paranormalidade torna-se instável, os sinais se confundem, e a percepção espiritual se fragmenta.

Por isso, na estrutura dos terreiros modernos de Quimbanda, três polos se fazem indispensáveis: a tronqueira, que barra e destrói; a Cafúia, que concentra e comanda; e o Cruzeiro, que regula e afina. Esses três pontos — limiar, núcleo e antena — formam o triângulo operativo da Quimbanda, tal como praticada pelas casas que herdaram o legado da *Cova de Cipriano* e que se firmaram com fundamentos mágicos próprios. Quando bem equilibrados, esses três pontos transformam um terreiro em um organismo mágico completo: um lugar onde o Diabo planta sua casa, governa suas forças e fala com aqueles que têm ouvidos para escutá-lo.

A Quimbanda não é uma religião no sentido moderno do termo. Ela não opera com fé, mas com fundamento; não exige crença, mas pactuação; não propõe salvação, mas poder. A tradição não se ergue sobre discursos importados, nem sobre categorias moralistas herdadas de outras matrizes. A Quimbanda é um sistema mágico completo, com uma ontologia própria, uma estrutura operacional rigorosa, e uma teologia infernal enraizada nos pactos firmados com os Espíritos — os Gangas, os Diabos, os Senhores das Encruzilhadas e das Almas, que não são *guias*, mas potências autônomas.

Neste contexto, a tríade formada pela *Tronqueira*, pela *Cafúa* e pelo *Cruzeiro das Almas* constitui a expressão mais acabada da engenharia espiritual do terreiro. Trata-se de uma arquitetura que não é simbólica, mas funcional. A tronqueira impede, corta e afunda — é a linha de contenção contra qualquer força invasora. A Cafúa concentra, dirige e comanda — é o centro soberano da autoridade dos Exus-chefes e dos pactos vivos da casa. O Cruzeiro das Almas, por sua vez, organiza e regula — é a antena espiritual por onde se alinham os campos vibratórios dos três éteres, permitindo ao adepto um trânsito ordenado com os mundos do além. Tal como ensina Táta Kilumbu no texto *Falando de Quimbanda Nàgô*, não há terreiro que se sustente sem a fundação viva desses três pilares. Eles não são acessórios: são o próprio templo do Diabo em sua expressão telúrica, astral e etérica.

Ao reconhecer essa tríplice estrutura — alicerçada na terra, acesa no éter e consagrada no pacto — o praticante da *Quimbanda Nàgô* deixa de lado as fantasias moralistas e os discursos esotéricos externos. Ele se insere numa corrente de saber que conhece o Inferno não como lugar de castigo, mas como organismo mágico; não como metáfora, mas como força imanente; não como dualidade, mas como fonte primeira da potência espiritual. O terreiro, então, deixa de ser espaço ritual para se tornar máquina mágica, e o adepto não é mais médium, mas operador, executor e feiticeiro — um servidor da Lei do Diabo, e não da moral dos homens.

Táta Nganga Kamuxinzela
Cova de Cipriano Feiticeiro

